

Bolsonaro atrai apoio dos governadores dos 3 maiores colégios eleitorais do País

— Na largada do segundo turno, presidente amarra acordos com Romeu Zema (MG) e Cláudio Castro (RJ) – reeleitos na votação de domingo –, além de Rodrigo Garcia (PSDB) em São Paulo

SÃO PAULO
BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição pelo PL, dominou a agenda política ontem ao encontrar os governadores dos três principais colégios eleitorais do País e receber manifestações públicas de apoio no segundo turno. Em eventos em série, o postulante a mais um mandato à frente do Palácio do Planalto reuniu Romeu Zema (Novo-MG), Cláudio Castro (PL-RJ) e Rodrigo Garcia (PSDB-SP), com pronunciamentos ao vivo em televisões e fotos para campanha.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por sua vez, recebeu a adesão do PDT. Candidato derrotado em quatro disputas presidenciais, Ciro Gomes seguiu o partido e divulgou um vídeo para endossar o apoio, mas não citou o petista nominalmente. O Cidadania também anunciou voto em Lula (*mais informações nas pág. A10 e A11*).

Sem fotos do ex-presidente com Ciro ou Simone Tebet (MDB), terceira colocada na eleição, a onda de apoios à direita fez Bolsonaro largar à frente nas alianças. A região Sudeste, com pouco mais de 40% dos eleitores, é fundamental para a definição do vitorioso no dia 30, e em Minas Bolsonaro ficou atrás do petista.

O primeiro evento foi com Zema, no Palácio da Alvorada. O governador, que já havia indicado adesão a Bolsonaro, disse que sempre dialogou com o presidente e afirmou que neste momento era preciso colocar as divergências de lado. “Acredito muito mais na proposta de Bolsonaro que na do adversário”, afirmou ao declarar endosso a Bolsonaro.

Zema criticou o governo de Fernando Pimentel (PT), seu antecessor. “Foi uma gestão desastrosa que arruinou o Estado de Minas”, disse. “É só perguntar para qualquer prefeito de Minas Gerais o estrago que o PT fez no Estado”, disse o governador reeleito.”

DECISIVO. Bolsonaro definiu o apoio como “essencial” e “decisivo”. “Dizem que só quem ganha em Minas pode chegar à



Bolsonaro, pela manhã, em Brasília, com o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, do Novo (acima); e mais tarde, com Cláudio Castro (PL) e com Rodrigo Garcia (PSDB), em São Paulo (abaixo)

Presidência da República. Mais que bem-vindo, o apoio do Zema é essencial e decisivo para minha reeleição.”

Já no Palácio do Planalto, Castro, que já era aliado político do presidente, disse que o Rio vai ser a “capital da vitória”.

“Não preciso lhe agradecer o meu apoio porque isso o senhor já tem desde sempre. Mas (devo) dizer aqui que o

Rio de Janeiro vai se superar, já tivemos mais de 800 mil votos de diferença e, agora, vamos sacramentar a vitória”, afirmou.

Depois do almoço, foi a vez de Garcia anunciar que vai atuar pela campanha de Bolsonaro. Derrotado na corrida pelo Palácio dos Bandeirantes, Garcia foi até o Aeroporto de Congonhas conversar com o presidente e anunciar “apoio incondicional”. “Esse apoio do Rodrigo é muito bem-vindo, agradeço de coração. Ele já tinha um amigo e vai ter um melhor amigo ainda para propostas que ele porventura queira sugerir para o nosso governo”, disse Bolsonaro.

Peso
Região Sudeste, com pouco mais de 40% dos eleitores, é fundamental para definição do vitorioso

ESNOBE. Garcia disse ainda que enxerga na candidatura do ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas (Republicanos) “não só um bom trabalho, mas condição de evitar que PT ganhe em São Paulo”. O governador destacou que seu apoio é uma decisão pessoal, não partidária.

Rodrigo, porém, chegou a ser esnobado. “Vamos estar no palanque juntos? Não. Mas vamos ter adesões do PSDB porque faz sentido”, afirmou Tarcísio, mais cedo, em reunião que confirmou a adesão do PP à sua candidatura.

Pegos de surpresa, aliados de Garcia creditaram a declaração ao ex-prefeito Gilberto Kassab, presidente do PSD e um dos coordenadores da campanha de Tarcísio. Após vários anos de aliança, Kassab virou desafio de Garcia.

Como mostrou a *Coluna do Estadão*, o deputado federal Cezinha de Madureira (PSD-SP), um dos coordenadores da campanha de Tarcísio, afirmou que Garcia negociou com Bolsonaro espaço para tucanos em um eventual governo paulista. O PSDB vai deixar o Bandeirantes após 28 anos de domínio. ● BEATRIZ BULLA, EDUARDO GAYER, GIORGIANNA NEVES, GUSTAVO QUEIROZ, IANDER PORCELLA, MATHEUS DE SOUZA E PEDRO VENECESLAU

Moro declara voto no presidente 'contra o projeto de poder do PT'

O senador eleito pelo Paraná, Sérgio Moro (União Brasil), declarou ontem apoio ao presidente Jair Bolsonaro (PL) no segundo turno na disputa pelo Palácio do Planalto. Moro afirmou, no Twitter, que o petista Luiz Inácio Lula da Silva "não é uma opção eleitoral".

"Lula não é uma opção eleitoral, com seu governo marcado pela corrupção da democracia. Contra o projeto de poder do PT, declaro, no segundo turno, o apoio para Bolsonaro", afirmou o ex-juiz, que venceu a disputa no Paraná no último domingo, com 1.953.159 votos (33,5% dos votos válidos).

Ex-juiz da Operação Lava Jato e ex-ministro da Justiça e Segurança Pública de Bolsonaro, Moro saiu do governo acusando o presidente de interferir politicamente na Polícia Federal para proteger filhos e aliados.

Quando juiz à frente da Lava Jato na primeira instância, Moro condenou Lula por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá (SP) – o petista ficou 580 dias preso. Foi sóito após o Supremo Tribunal Federal (STF) mudar o entendimento sobre prisão em segunda instância. Depois, os processos da Lava Jato foram anulados e Moro foi considerado parcial pelo Supremo para julgar o ex-presidente, que recuperou os direitos políticos.

Bolsonaro e Moro eram aliados e o ex-juiz foi convidado pelo então presidente eleito para comandar a pasta da Justiça. Em abril de 2020, no entanto, pediu demissão.

Ao ser questionado ontem sobre as divergências com Moro, Bolsonaro elogiou seu ex-auxiliar e se desculpou por "erros do passado", sem especificar a que se referia. "Todos nós evoluímos. Eu mesmo errei no passado em alguns pontos e a gente evolui para o bem do nosso Brasil", disse. ●

Simbologia de adesões no 2º turno é importante, mas ainda não são votos

ANÁLISE

JOÃO VILLAVERDE

Há duas formas de ver os anúncios públicos de apoios políticos que Lula e Bolsonaro têm recebido nas últimas 48 horas. A primeira é a simbólica e a segunda é a capacidade eleitoral. Ambas são importantes, mas a segunda é, obviamente, mais relevante: a eleição, afinal, é vencida por quem tem mais votos e não mais símbolos.

A chapa de Lula e Geraldo Alckmin recebeu quatro apoios muito relevantes desde o domingo. Dois deles são de partidos políticos, o PDT e o Cidadania. Com 3% dos votos para presidente e

17 deputados federais eleitos, o PDT diminuiu muito em 2022. O Cidadania, de recorte centro-liberal, esteve em peso com Simone Tebet no 1.º turno.

Com os apoios, PDT e Cidadania podem, sim, fazer com que parte de seus eleitores vote em Lula-Alckmin, em vez de anular o voto – ou de simplesmente se abster no dia 30.

As duas personalidades que apoiaram Lula-Alckmin desde domingo foram o senador Tasso Jereissati (PSDB) e o ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga. Prestes a se aposentar, Tasso galvaniza uma parte pequena do eleitorado. Mas é muito simbólico: representa o pouco que resta do PSDB original, aquele partido social-democrata que ele ajudou a fundar com grandes políticos como Mário Covas, Franco Montoro e Fernando Henrique Car-

dos. Da mesma forma, Armínio: tem um peso simbólico ver um dos principais economistas brasileiros.

Já Bolsonaro tem coletado apoios especialmente relevantes da perspectiva principal, isto é, a que traz votos. O presidente precisa repetir a votação do domingo e adicionar outros 8 milhões de eleitores para conseguir vencer. Para Bolsonaro, portanto, a lógica é: "menos símbolos, mais votos". Governadores de direita já declararam apoio ao projeto bolsonarista: o mineiro Romeu Zema (Novo) e o fluminense Cláudio Castro (PL). O mais estratégico apoio coletado por Bolsonaro foi o do governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB).

O apoio que de fato interessa nesta reta final é o da terceira colocada na disputa, Simone Tebet (MDB). Com 5 milhões de votos e energizada por uma campanha que terminou em alta, Simone pode ser aquela que faz o pêndulo da balança pender para um lado ou para outro. ●

PROFESSOR E MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNO PELA FGV-SP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Página: 8 + 9